ESCOLA DE FORMAÇÃO JUDICIÁRIA
MINISTRO LUIZ VICENTE CERNICCHIARO

Especial

Clarice Lispector

100 Anos de Clarice Lispector em um Ano Incomum como a Obra da Escritora

Neste ano de 2020, Clarice Lispector completaria 100 anos se estivesse viva. Para celebrar data tão importante para a literatura brasileira e homenagear a inesquecível escritora, a Escola de Formação Judiciária resolveu oferecer aos seus alunos um pouco deste universo clariceano, enigmático e profundo, preparando este Especial.

Clarice foi escolhida porque poucos autores conseguem, como ela, traduzir sentimentos em palavras, algo que em tempos de incertezas e contato social reduzido pode nos auxiliar a nominar e a perceber emoções, ampliando reflexões pessoais em busca do autoconhecimento.

Clarice produziu uma obra literária única, capaz de desvendar as profundezas da alma humana. Adentre ao universo de Clarice Lispector e apaixone-se!

Pequena Biografia

Uma migrante genuinamente brasileira. Assim se sentia Clarice Lispector, tamanho era seu amor pelo Brasil. A romancista nasceu em 1920 na Ucrânia e aos 2 anos de idade veio com a família para o Brasil, fugindo da Guerra Civil Russa e da perseguição aos judeus na Europa. Os Lispector moraram pouco tempo em Maceió, mudaram-se para Recife e, aos 14 anos, Clarice foi com o pai e duas irmãs para o Rio de Janeiro. Sua mãe faleceu quando ela tinha 8 anos de idade.

Jornalista numa época em que havia poucas mulheres atuando nessa área, Clarice começou a trabalhar como repórter e redatora na Agência Nacional do Departamento de Imprensa e Propaganda em 1940. Dois anos mais tarde, ingressou no quadro de repórteres do jornal A Noite, um dos mais importantes do Rio de Janeiro. Atuou como cronista para diversos periódicos e revistas mensais, com destaque às publicações no Jornal do Brasil que compõem a coletânea imperdível intitulada "**A Descoberta do Mundo**".

Mas se eu esperar compreender
para aceitar as coisas
– nunca o ato de entrega se fará.
Tenho que dar o mergulho de uma só vez,
mergulho que abrandge a compreensão
e sobretudo a incompreensão.
E quem sou eu para ousar pensar?
Devo é entregar-me. Como se faz?
Sei porém que só andando é que se sabe
andar e – milagre – se anda.

(do livro Água Viva)

Em sua biografia, Clarice casou-se com um colega da faculdade de Direito e passou longa temporada no exterior para acompanhar o marido diplomata. Teve dois filhos, separou-se e voltou ao Rio de Janeiro, assumindo coluna no Jornal Correio da Manhã em 1959. Neste mesmo ano, publicou uma série de contos, estabelecendo uma divisão entre sua obra literária e os trabalhos produzidos exclusivamente para a imprensa.

Antes de me organizar, tenho
que me desorganizar internamente.

Para experimentar o primeiro e passageiro
estado primário de liberdade.

Da liberdade de errar, cair e levantar-me.

Colunas femininas também fizeram parte da produção escrita de Clarice. Ao problematizar as "futilidades" de mulher, como definiu Aparecida Maria Nunes, autora do livro Clarice Lispector jornalista feminina, em entrevista ao *site* da CNN, *"vamos encontrar temas que de certa forma constituem a base da ficção clariceana. Além do mais, podemos ainda identificar nessa produção jornalística alguns embriões de contos e /ou romances e ainda crônicas inéditas. Em suma, narrativas já prontas e outras em processo de (re)elaboração".*

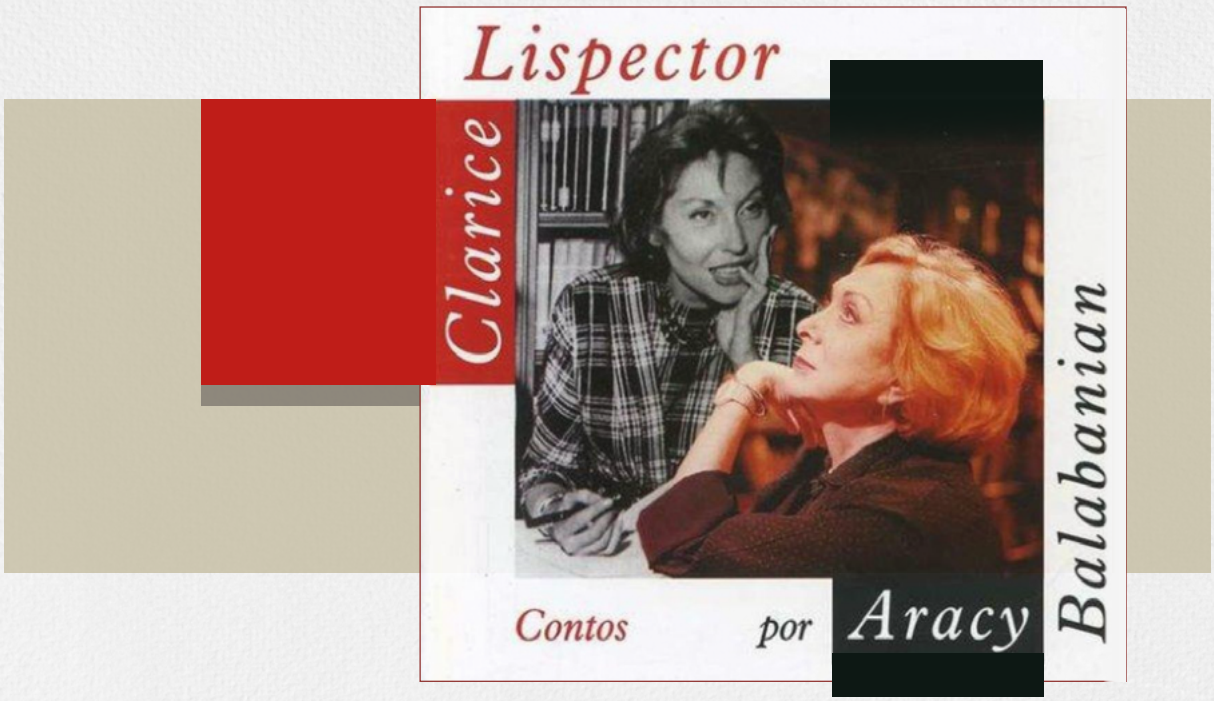
As citações que permeiam este material foram retiradas do livro Água Viva e dão uma pequena idéia do que a escritora provoca com seus textos recheados de histórias prosaicas, metáforas e significados intrínsecos à natureza humana.

A professora de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da USP, Yudith Rosenbaum, autora do livro ***Metamorfoses do Mal: Uma Leitura de Clarice Lispector***, descreve bem a catarse que é ler Clarice. *(clique na imagem e assista ao vídeo de 4:15')*

A linguagem trivial parece não alcançar a potência que a vida e os acontecimentos tem sobre nós, por isto, Clarice "*centra sua atenção ao registro de labirintos da intimidade de suas personagens, atenta a detalhes patentes na vida cotidiana, como nos laços de família e em experiências complexas, como o amor, a paixão, o ódio, a amizade a inveja*", como explica Nádia Battela Gotib, autora da biografia **Clarice: Uma Vida que se Conta**.

“Quero que minha vida se justifique
pelo intenso desejo de viver.”
(Um Sopro de Vida)

A atriz Araci Balabanian imortalizou o conto ***Felicidade Clandestina*** com o mesmo sentimento conflitante, perverso e prazeroso que a personagem principal da história revela ao ter nas mãos um objeto de desejo. Emocione-se! *(clique na imagem para o vídeo de 8:13')*



A Hora da Estrela *foi o livro mais popular de Clarice, publicado em 1977 e adaptado para o cinema em 1985. Ao retratar a história de Macabea, nordestina pobre, conformada e sofrida, a autora tangencia assuntos duros como pobreza, preconceito, violência e morte. Ironicamente foi o último livro publicado antes do falecimento de Clarice, aos 57 anos, em 1977, de câncer de ovário.*

Nesta entrevista histórica, concedida ao programa **PANORAMA**, da TV Cultura, também no ano de seu falecimento (1977), Clarice fala sobre a "*novela*" *A Hora da Estrela* , à época, ainda sem título. *(clique na imagem abaixo)*

Além de **A Hora da Estrela**, dentre suas principais obras estão: **Perto do Coração Selvagem *(1944)*, Laços de Família *(1960)*, A Maçã no Escuro *(1961)*, A Legião Estrangeira *(1964)*, A Paixão Segundo G.H. *(1964)*, Felicidade Clandestina *(1971)* e Água Viva *(1973)*.**

Segundo Rosenbaum, "*Clarice faz uma literatura que nos traz aprendizados para a vida. Ela descortina o mundo, mostra as coisas como elas realmente são e não como queremos que sejam. Clarice fala ao vivo, e o vivo causa incômodo em Clarice*", explica a biógrafa.

Se por um lado Clarice escreve crônicas leves e agradáveis de se ler, por outro, há textos densos e capazes de mobilizar forças internas, verdades ou segredos íntimos, numa escrita reflexiva e problematizadora do subjetivo e do próprio ser.

Quando eu digo Te Amo,
estou me amando em você.

Não sou relativo, sou infinito.

Por isso, em cada ser me reflito;
em cada ser me encontro.

Pintura

Poucos sabem, mas Clarice também pintava. Ao todo foram 22 quadros. Em homenagem ao seu centenário, na reedição de seus livros, as capas trazem recortes de suas telas. *"Quem sabe escrevo por não saber pintar"*, falou Clarice, certa vez.

O livro em destaque

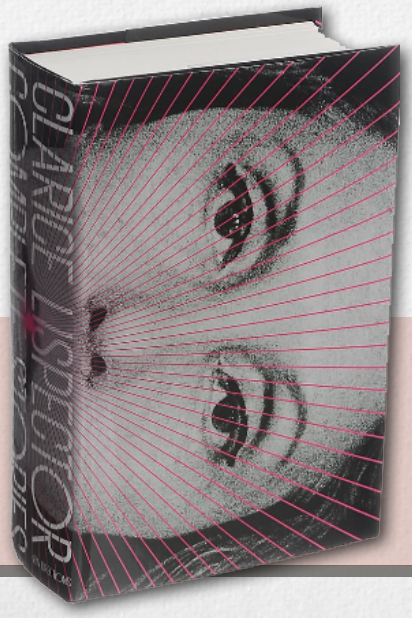
Perto do Coração Selvagem

foi o primeiro livro publicado pela escritora (1943) e ganhou o Prêmio Graça Aranha.

Romances, ensaios, crônicas, relatos de viagem, cartas íntimas, entrevistas e até livros infantis... Clarice tem um vasto currículo ligado ao uso da palavra escrita. Seu maior talento parece ser apreender a realidade e descortiná-la ante aos olhos de quem a lê. Uma escrita, por vezes, difícil de compreender, incômoda, mas transformadora.

A primeira edição livro infantil **O Mistério do Coelho Pensante** *foi publicada em 1967.*

"Clarice é aquele tipo de escritor que formas seus leitores. Ela não cria somente seus personagens, mas também cria uma necessidade de o leitor passar por mudanças e aprendizados para conseguir entrar na sua obra", conclui Rosenbaum.



Capa do livro **Todas as Crônicas**, *coletânea de crônicas publicadas entre 1946 e 1977 em diversos veículos de imprensa e também em livros.*

Medo da Eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

- Como não acaba? - Parei um instante na rua, perplexa.

- Não acaba nunca, e pronto.

- Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual já começara a me dar conta.

- Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

- E agora que é que eu faço? - Perguntei para não errar no ritual que certamente deveira haver.

- Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.

- Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo-nos para a escola.

- Acabou-se o docinho. E agora?

- Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da idéia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atrevessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

- Olha só o que me aconteceu! - Disse eu em fingidos espanto e tristeza. - Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

-Já lhe disse - repetiu minha irmã - que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra na boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

Clarice Lispector

Aventure-se a reler ou a conhecer
a obra de Clarice Lispector.

Comece por seus contos e crônicas, ambos
reunidos em coleções acessíveis e eternas.

Se a paixão acontecer, mergulhe em seus livros.
Profundos mergulhos em si mesmo o esperam!

Boa leitura!

Bibliografias Citadas:

– Rosenbaum, Yudith, ***Metamorfose do Mal,*** *São Paulo, EdUSP, 1999, 184 páginas*

– Gotib, Nádia Battela, ***Clarice: Uma Vida que se Conta,*** *São Paulo, EdUSP, 2009, 650 páginas*

– Nunes, Aparecida Maria, ***Clarice Lispector Jornalista: Páginas Femininas & Outra Páginas,*** *Editora Senac São Paulo, 2006, 292 páginas*

Curadoria de Conteúdo: ***Heloisa Leonardo***

Design Gráfico: ***Cláudio Roberto de Souza***